

you are still  
alive

**IDEALIZAÇÃO/ORGANIZAÇÃO & TEXTO**

Adolfo Montejo Navas

**EDIÇÃO:** A.M.Navas, Victor Arruda & CAN

**PROJETO GRÁFICO:** CAN

**FOTOGRAFIAS:** Rafael Ardoján

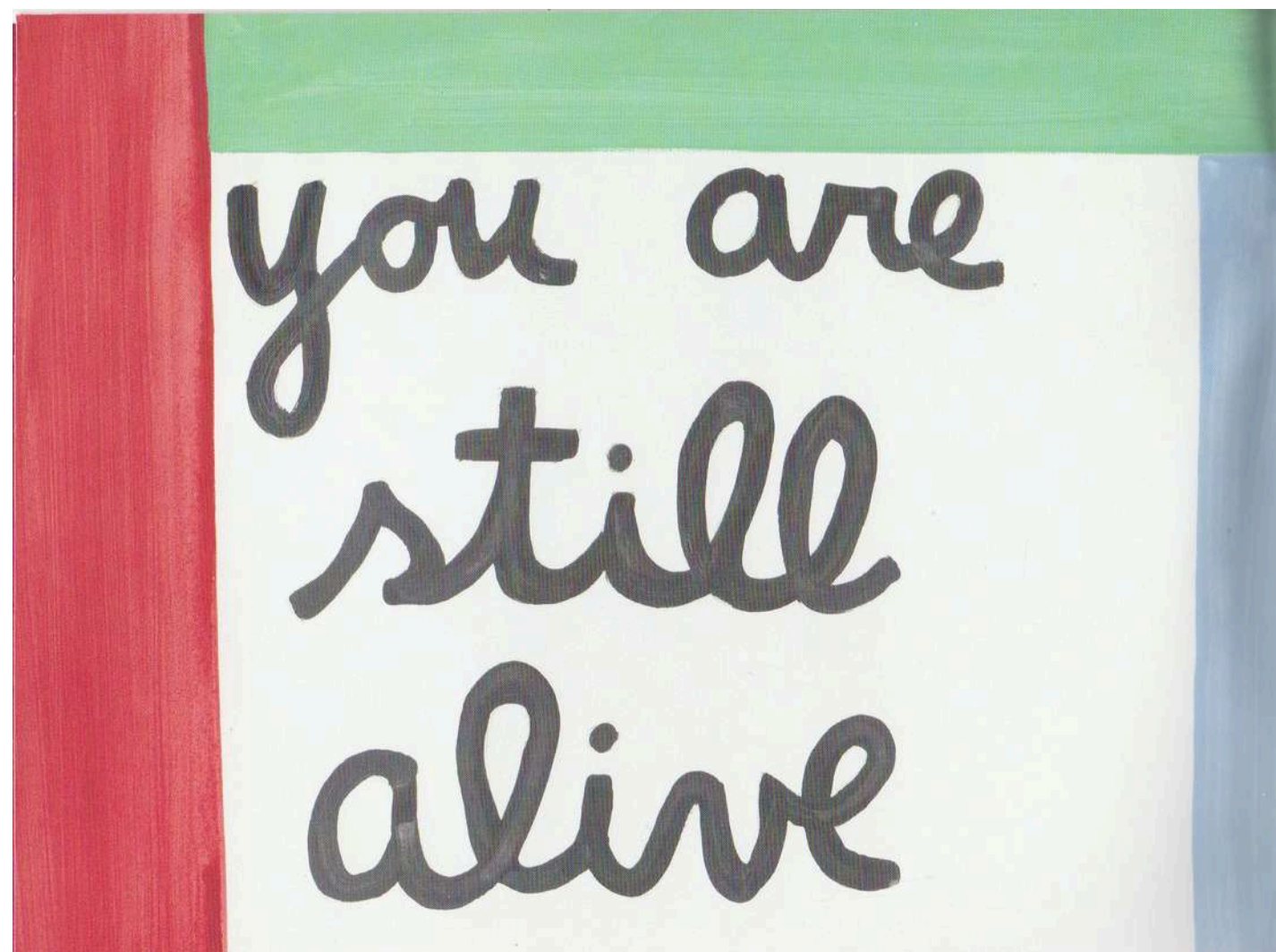
**REVISÃO PORTUGUÊS:** Duda Costa

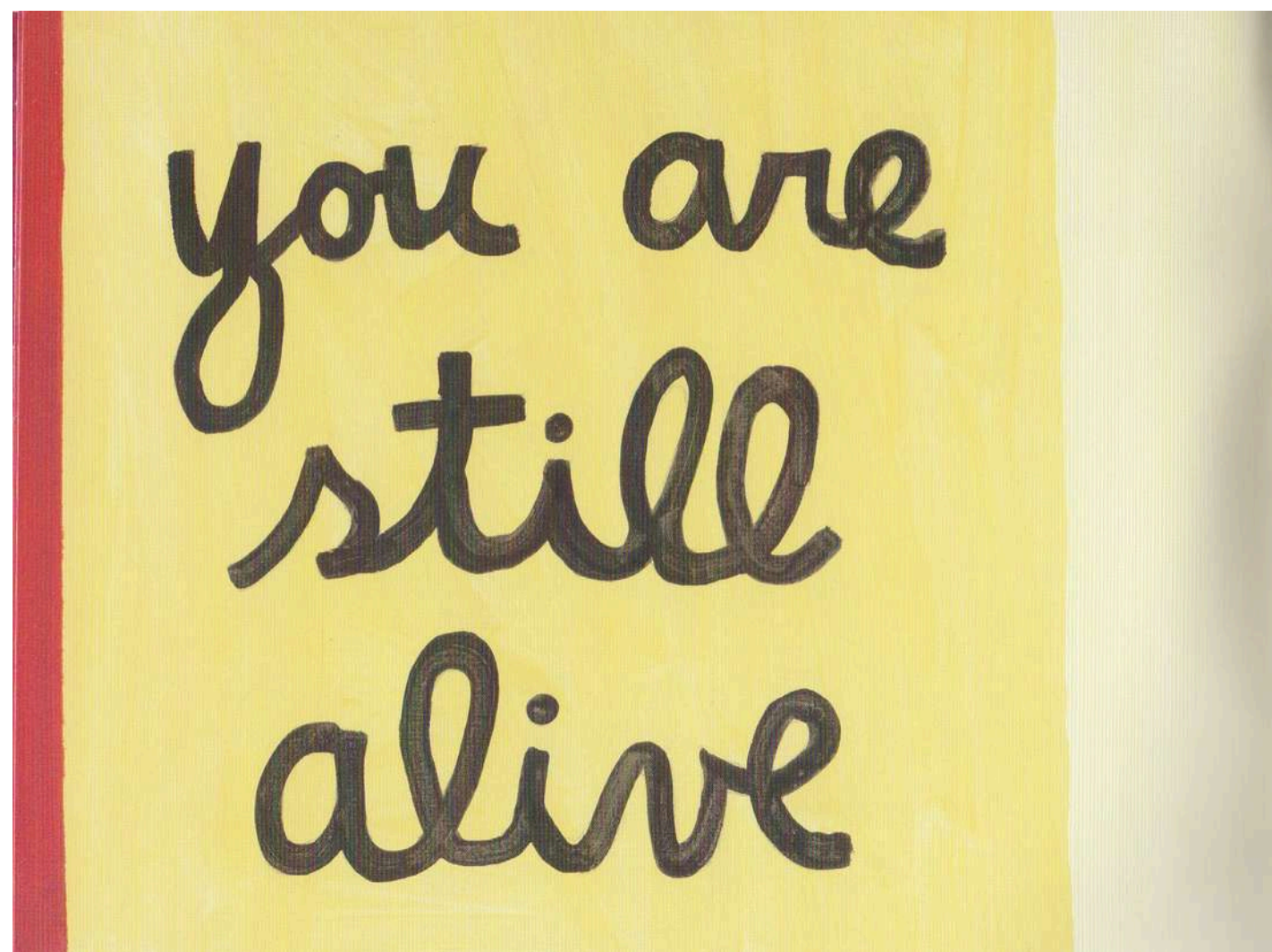
**TRADUÇÃO INGLÊS:** Martim Cardoso





**YOU ARE STILL ALIVE** - victor arruda

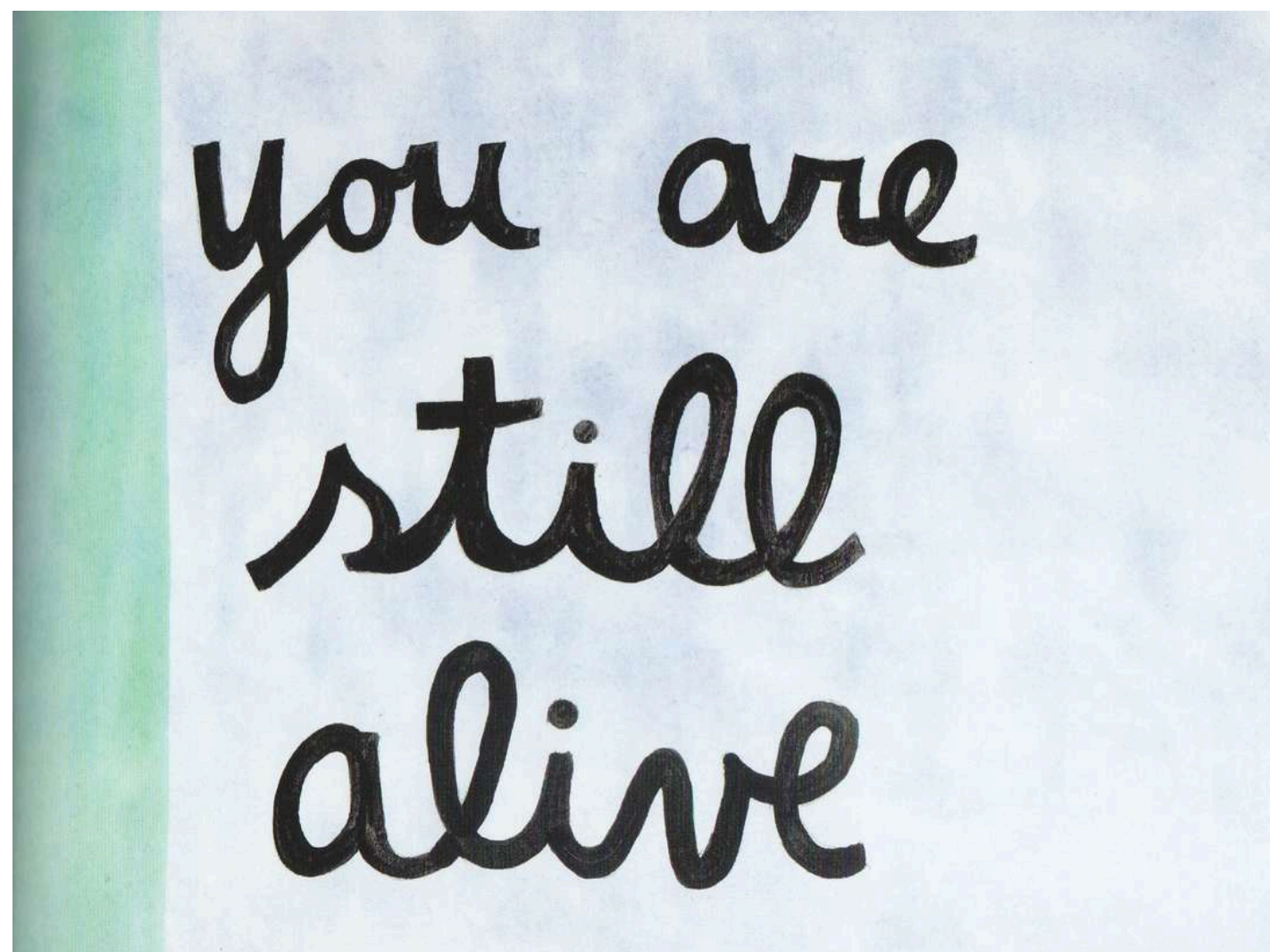




São poucos os trabalhos artísticos que se posicionam em territórios fronteiriços da vida, no meio-fio entre a vida e a morte, sem cair no reduto da enfermidade ou da clínica, ou então nos paraísos artificiais, cada vez mais numerosos e vulgarizados. *You are still alive*, obra em curso de Victor Arruda desde 2015 até hoje, já provoca desde seu aqui e agora outro tempo e destino, extrapolando o local inicial da ação. Transfere seu alvo estético para além do campo previsível, inclusive como imagética associada à pintura (algo, diga-se de passagem,

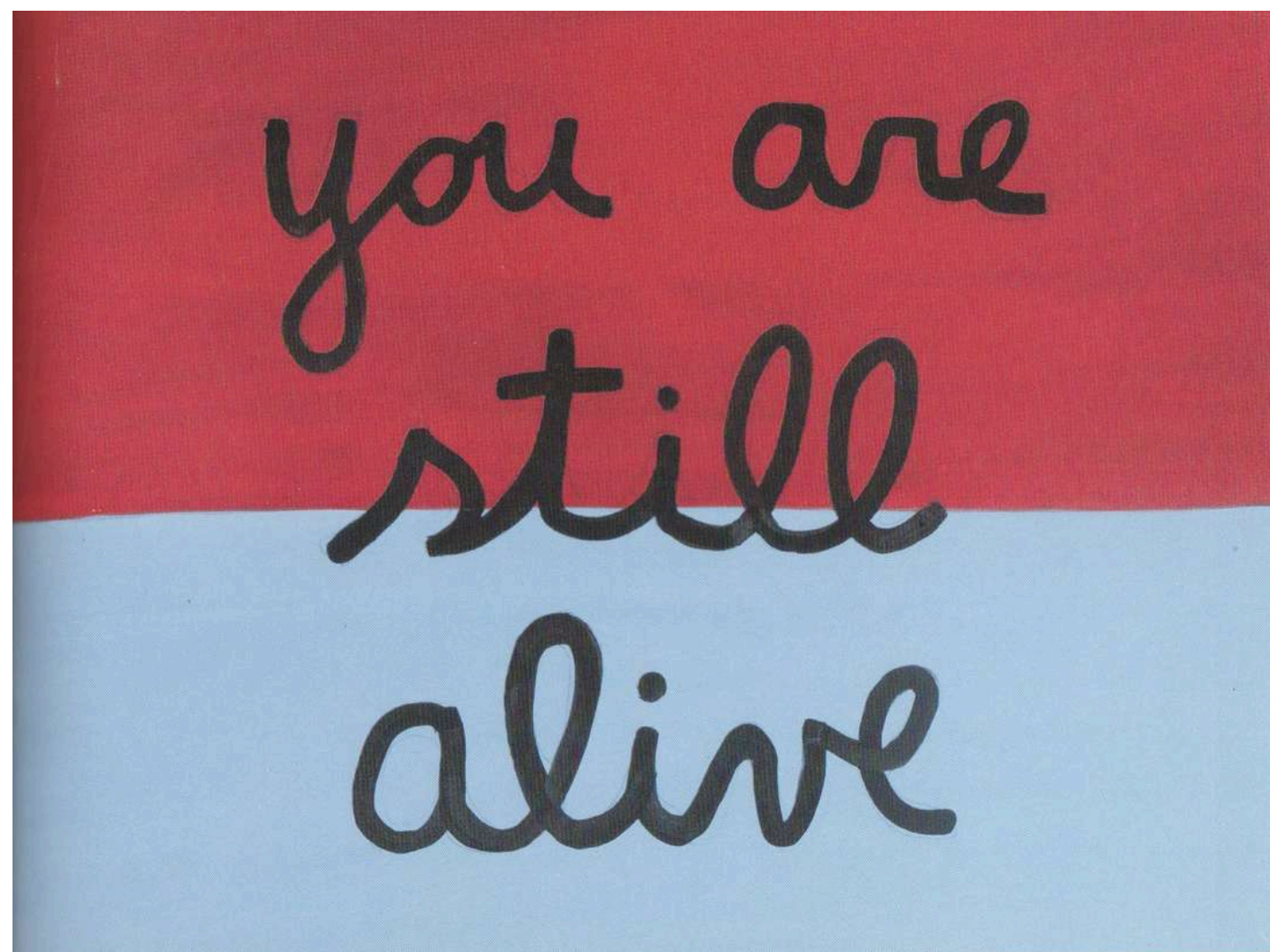
que o artista tem provocado várias vezes, o curso de alguns limites com a pintura para ser pisada ou até dançada, comida ou utilizada como pintura-performace de obra-anúncio).

No caso, trata-se de uma nítida obra conceitual realizada desde a "plataforma" da pintura, com base numa mesma imagem manuscrita em diferentes telas, em severas e límpidas composições cromáticas, uma pintura quase lápide que modula a frase escolhida, não tanto como despedida lacônica ou sentimental, mas como *carpe diem* pictórico ofertado aos outros. E, sobretudo, trata-se de uma obra-exercício lançada fora de seu próprio âmbito temporal, que busca



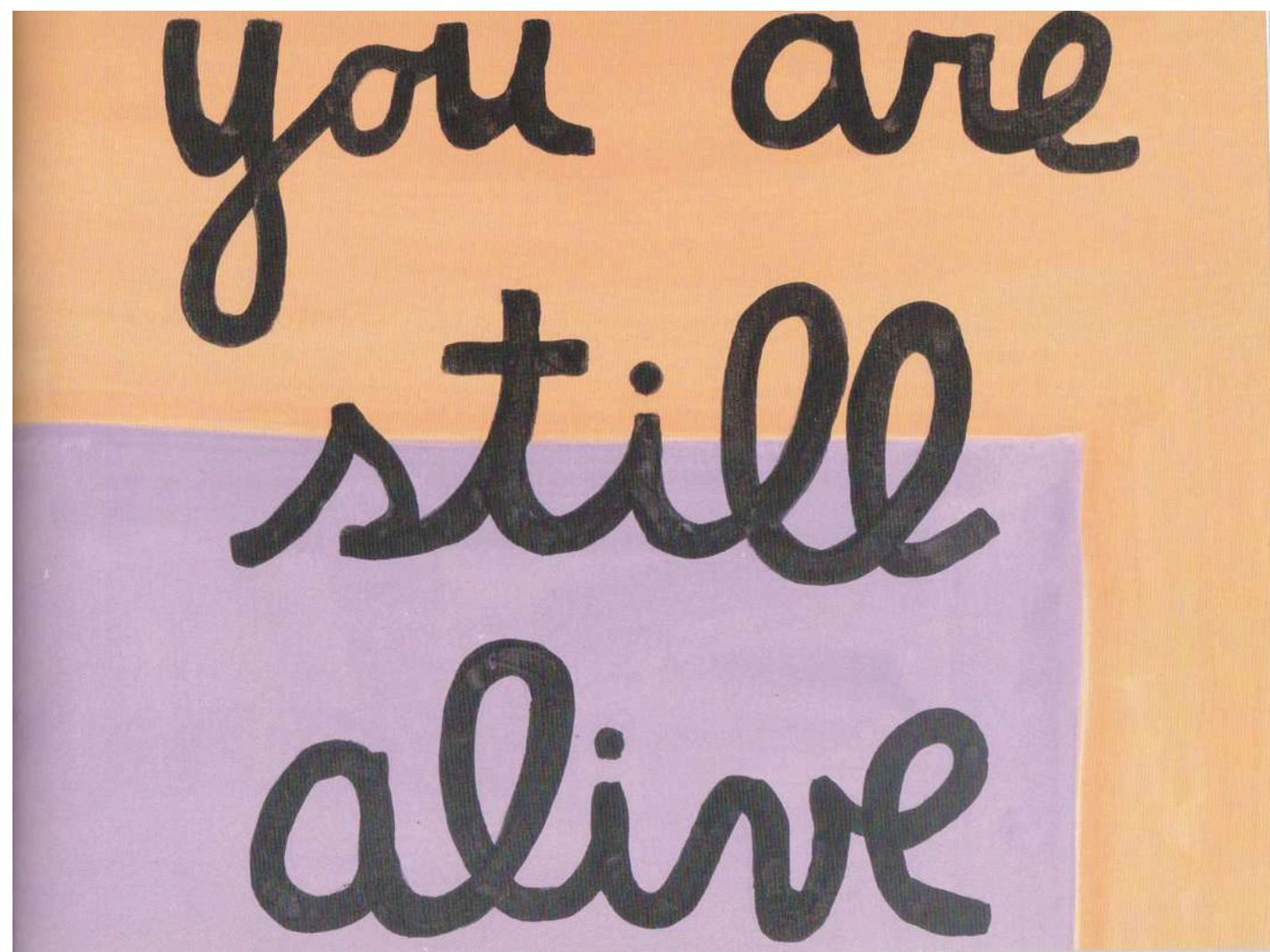
cumprir seu objetivo, de forma inusitada, fora já dos domínios do seu autor. Já em outra aposta, visando outro jogo. Como se seu pathos verdadeiro estivesse no horizonte e não no ponto de partida.

Com *You are still alive*, além de uma cúmplice referência a On Kawara — aos trabalhos seriados do artista conceitual em que as coordenadas espaço-temporais também são ativadas pessoalmente —, e certa sintonia formal com as caligrafias pintadas do Ben — já no âmbito mais especificamente imago-textual —, o que se configura é uma série que ultrapassa a convenção protocolar da recepção da obra de arte, o seu lugar estabelecido e sua dinâmica costumeira, não só

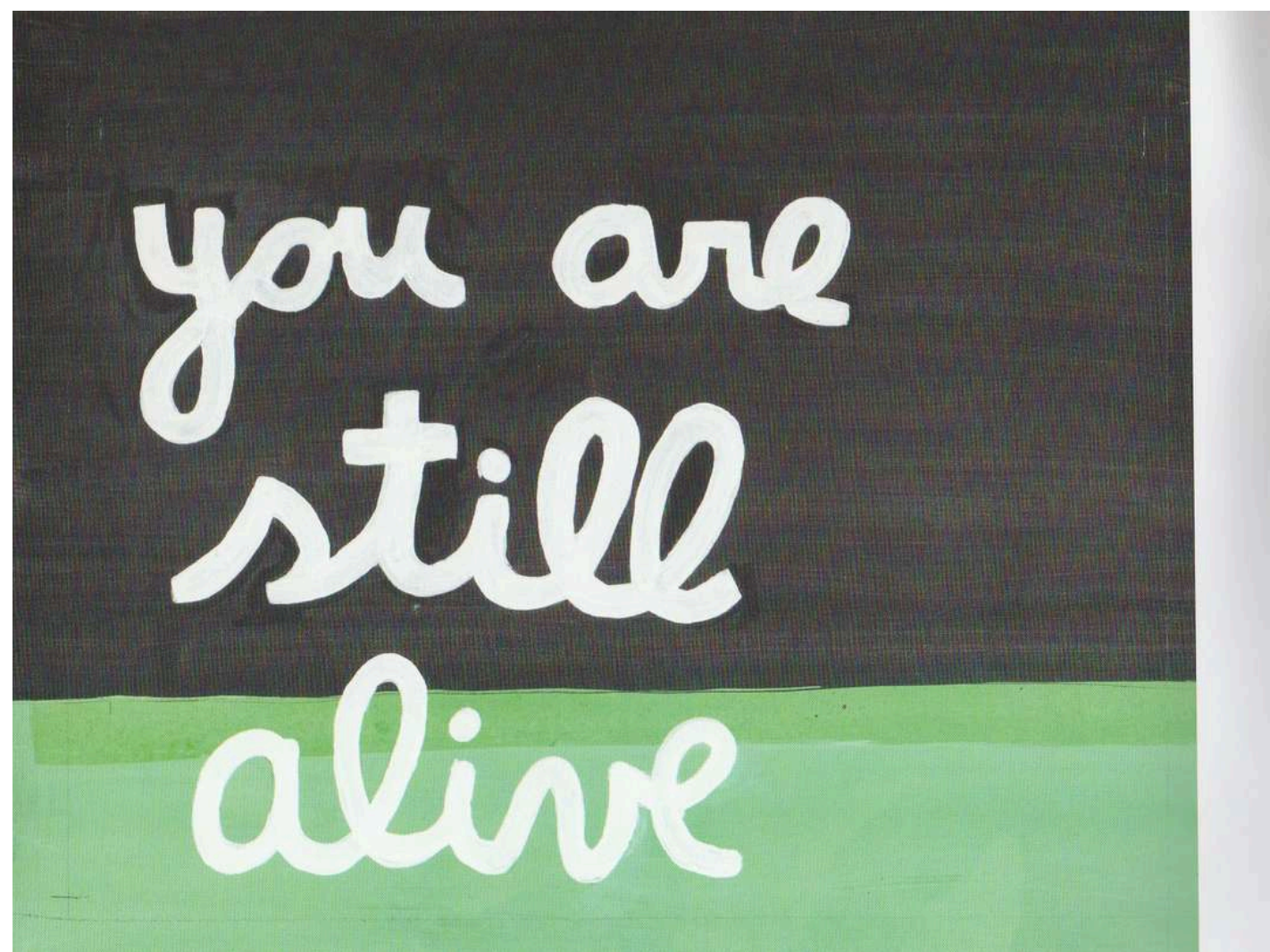


colocando a morte e a vida como pulsões constantes, regedoras — no contraponto em que eros está sempre acasalado —, senão situando, sobretudo, o estágio post mortem em pauta, ou seja, colocando o foco naquela negociação posterior de outro tempo, que, precisamente, se inicia com o testamento de óbito, e independentemente das metafísicas subjacentes que as diversas crenças favorecem.

Neste sentido, como obra-testamento, premonitória, mas também irônica e certamente algo mordaz — como não poderia deixar de ser a vertente mais crítica da poética de Victor Arruda —, ela inscreve várias instâncias em jogo, às vezes contraditórias ou conflituosas:

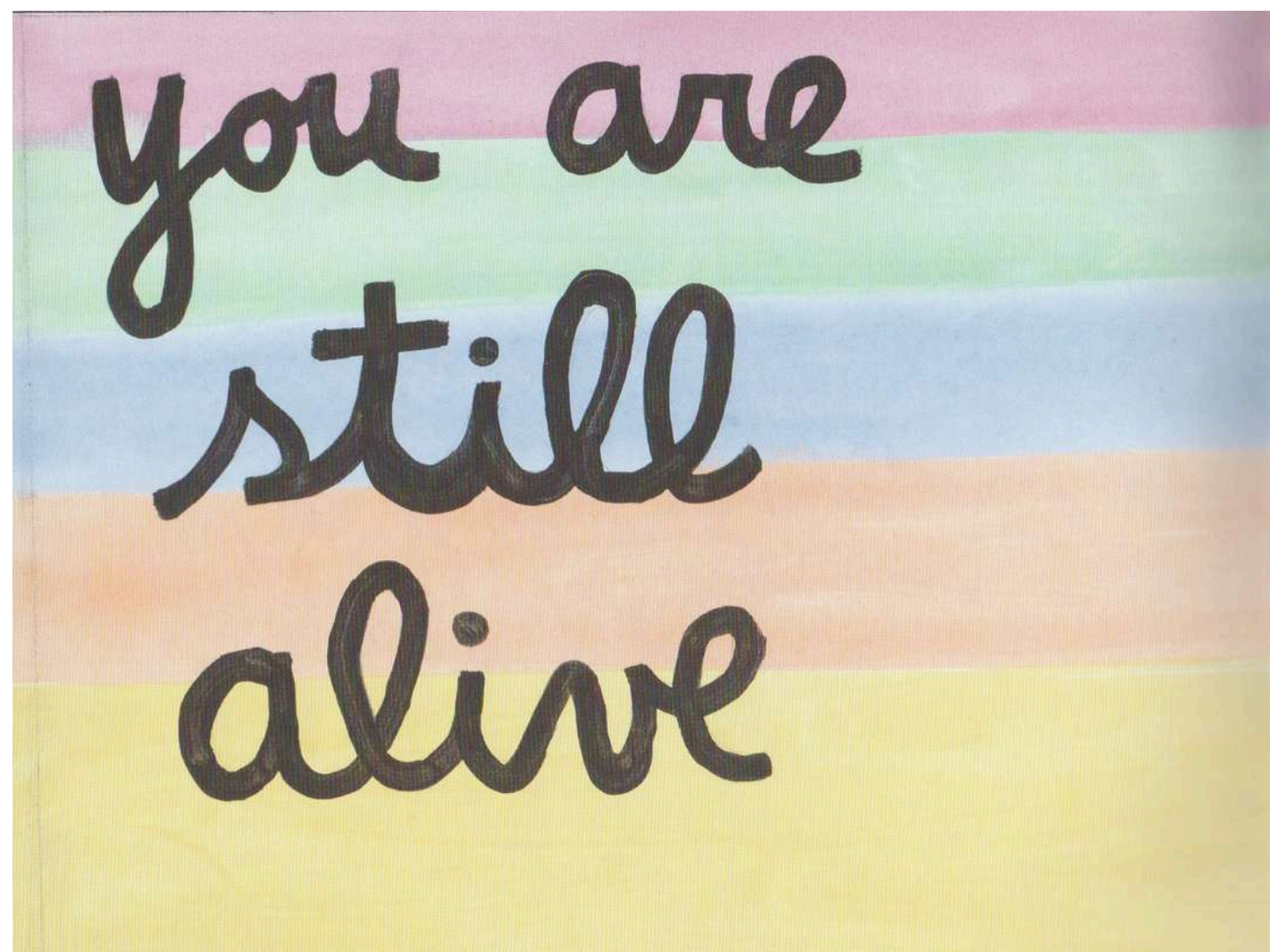


a óbvia finitude pessoal, o tempo por extenso, a herança, o afeto, a sociedade artística e o meio cultural... tudo numa rara e explosiva combinação que não esconde suas tensões. De fato, se o atual *You are still alive* é uma obra ainda em aberto, viva, é curiosamente para ser o contrário, para ser um trabalho que fecha, que aspira a outra vida; e tudo explicitado de forma submersa, pois sua linha de fuga nos toca a posteriori, não agora ainda, mas em breve. Em consequência, como série precatória que joga com o reconhecimento, a posteridade, a amizade, o mercado... com a própria morte como legado contra a eternidade, esta série de pinturas, feitas in loco para esse depois todavia impreciso, faz



parte de uma negociação crítica, com convidados, daí o extremo valor da proposta, seu lado inquietante. Aliás, todas as obras desta série têm um plural destinatário, fazem parte, portanto, de uma herança personalizada, em que o recado-aviso-mensagem hedonista, horaciano, primeiro se corporiza para depois exigir uma reativação além de visual, algo mais próximo da incorporação que da mera propriedade.

Quando Victor Arruda desenha sua mensagem, metamorfoseada em várias modulações pictóricas do mesmo lema dirigido aos outros, a situação que se abre é de um diálogo em dois tempos, primeiro do artista com o destinatário já determinado, e depois deste com o artista,

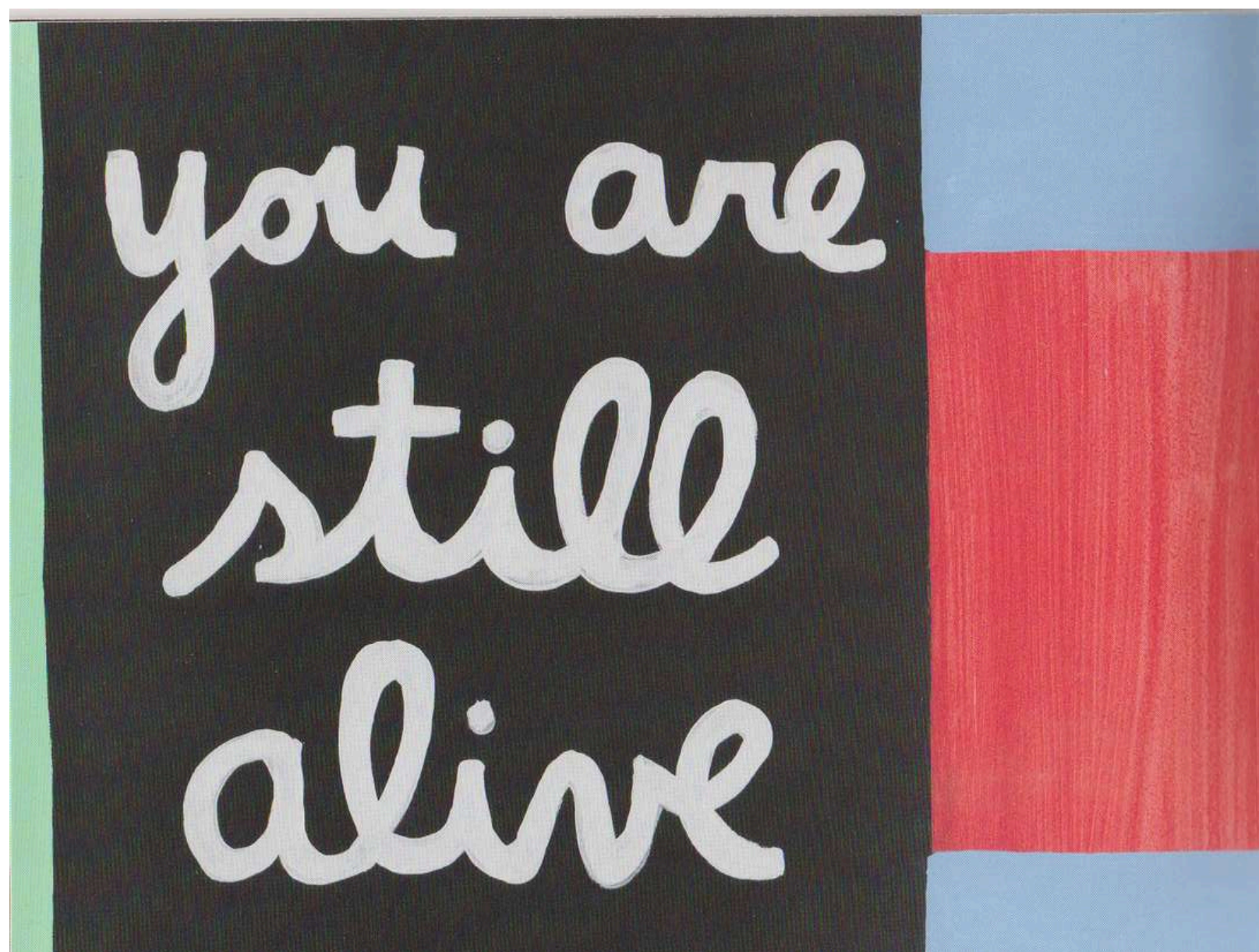


precisamente quando ele já não esteja vivo, pois é característica desta obra ser entregue depois da desapareição do artista, conforme estipula o desejo deste trabalho, ou, melhor dizendo, seu cronos. Fazer uma obra para esse intervalo — quase limbo ou território de ninguém —, para essa situação-limite, representa ao mesmo tempo uma promessa biográfica e uma oferenda coletiva, mas, por outro lado, por cima das considerações levantadas, ainda significa um questionamento, uma interrogação que supera o próprio artista que a enuncia. Como um plus da linguagem lançado além da própria natureza da obra, *You are still alive* formula uma corrosiva dúvida sobre o valor de tudo e de

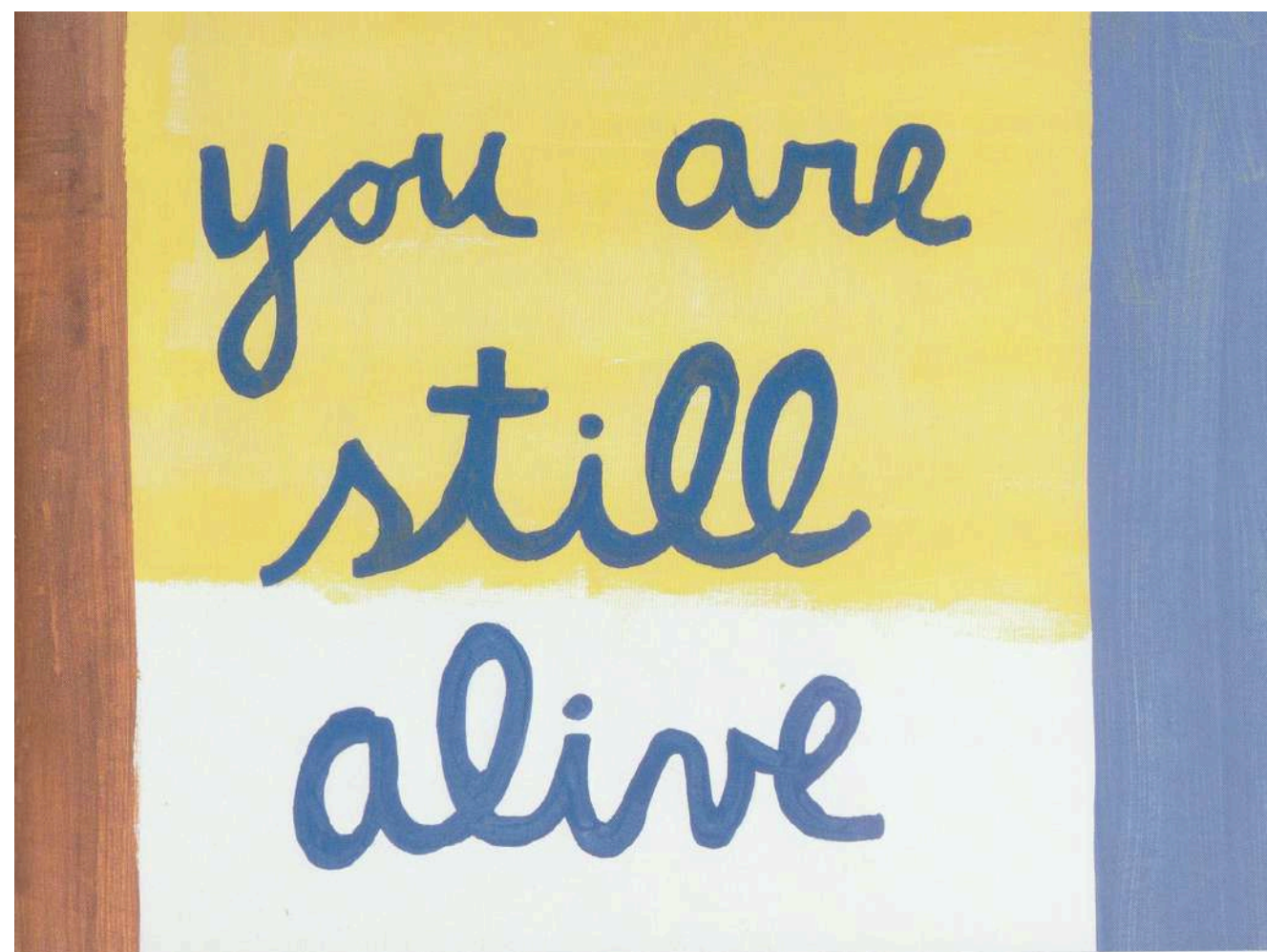


nada, sobre a natureza oficial das coisas e suas extensões, e aproveita para fazer mais evidentes algumas mazelas invisíveis colaterais, midiatisações ou pressões e imaginários não tão etéreos... Esse nomear a Caronte estando já na barca que atravessa o rio Hades postula uma valentia incomum e um direito crítico insubornável.

A figuração textual e metalinguística desta série do artista estabelece uma tríade crítica: a relação da imagem com a visibilidade e as pessoas (a proposta visual, o lado performático da imagem e o destino humano, respectivamente). De tal forma que "a imagem espera sua visibilidade da relação que se instaura entre quem a produz e quem

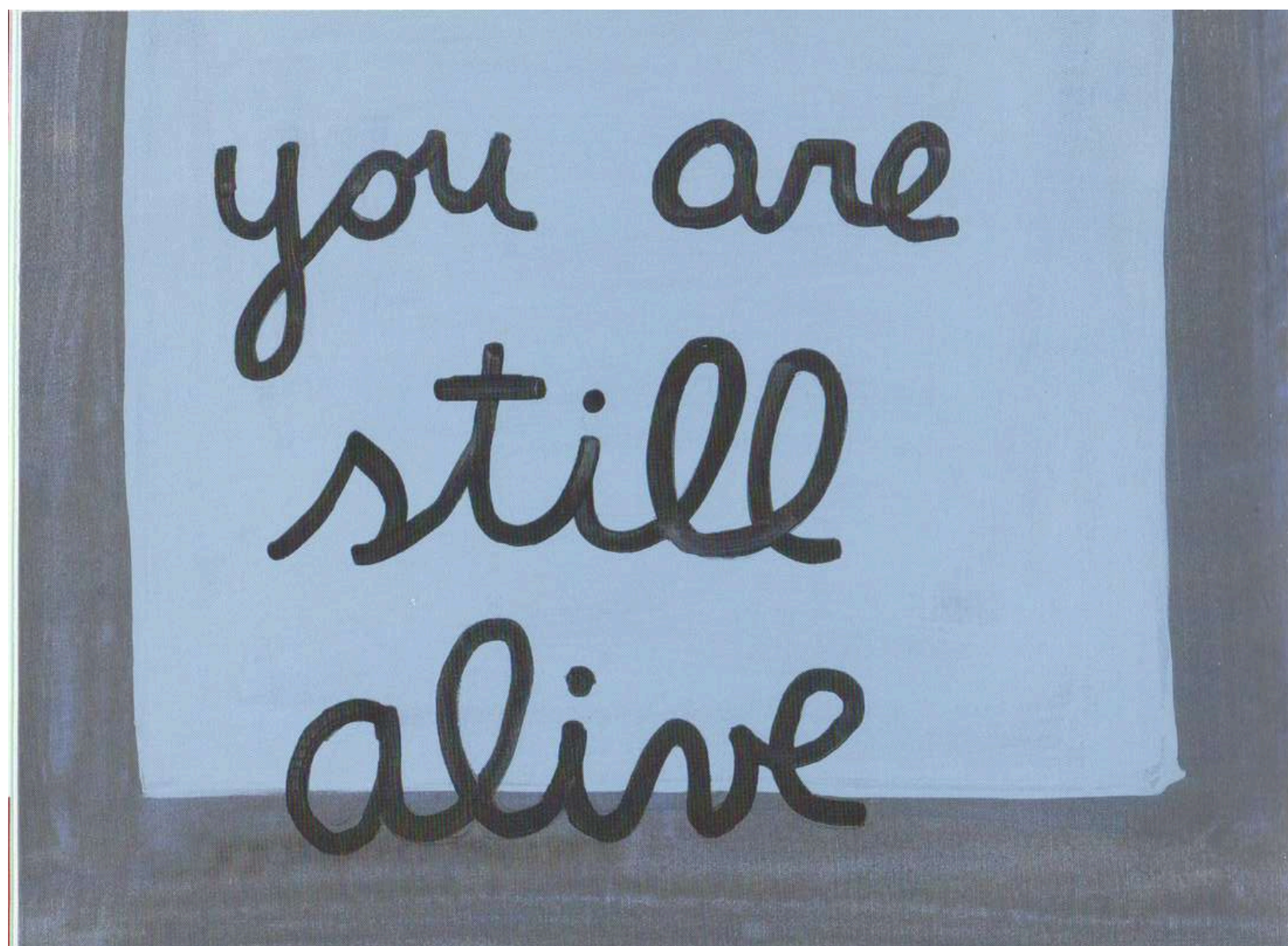


a olha" (como diz Marie-José Mondzain). Não se trata de uma obra absoluta, fundamentalista, fechada, pelo contrário, ela descansa na distância que ela tem como construção e essência, e, posteriormente, no projeto como processo de como vai ser a imagem encarnada, vivida. Em como vai ativar sua lenda epicurista a favor da vida. Naturalmente, o desejo desta pintura é que espera sua mirada, joga e conjura ao mesmo tempo a ausência infinita (a desapareção) com o desejo infinito (a recepção). E o desejo de ver de toda imagem se translada do trabalho para seu destino, para permanecer nesse estado de impermanência, de distância que não vai poder ser consumada (e na qual algumas circunstâncias contextuais,



inclusive, ajudaram a mudar o estatuto fixo da obra: leia-se prestígio do artista, mercado, instituições, sociedade cultural, educação etc.).

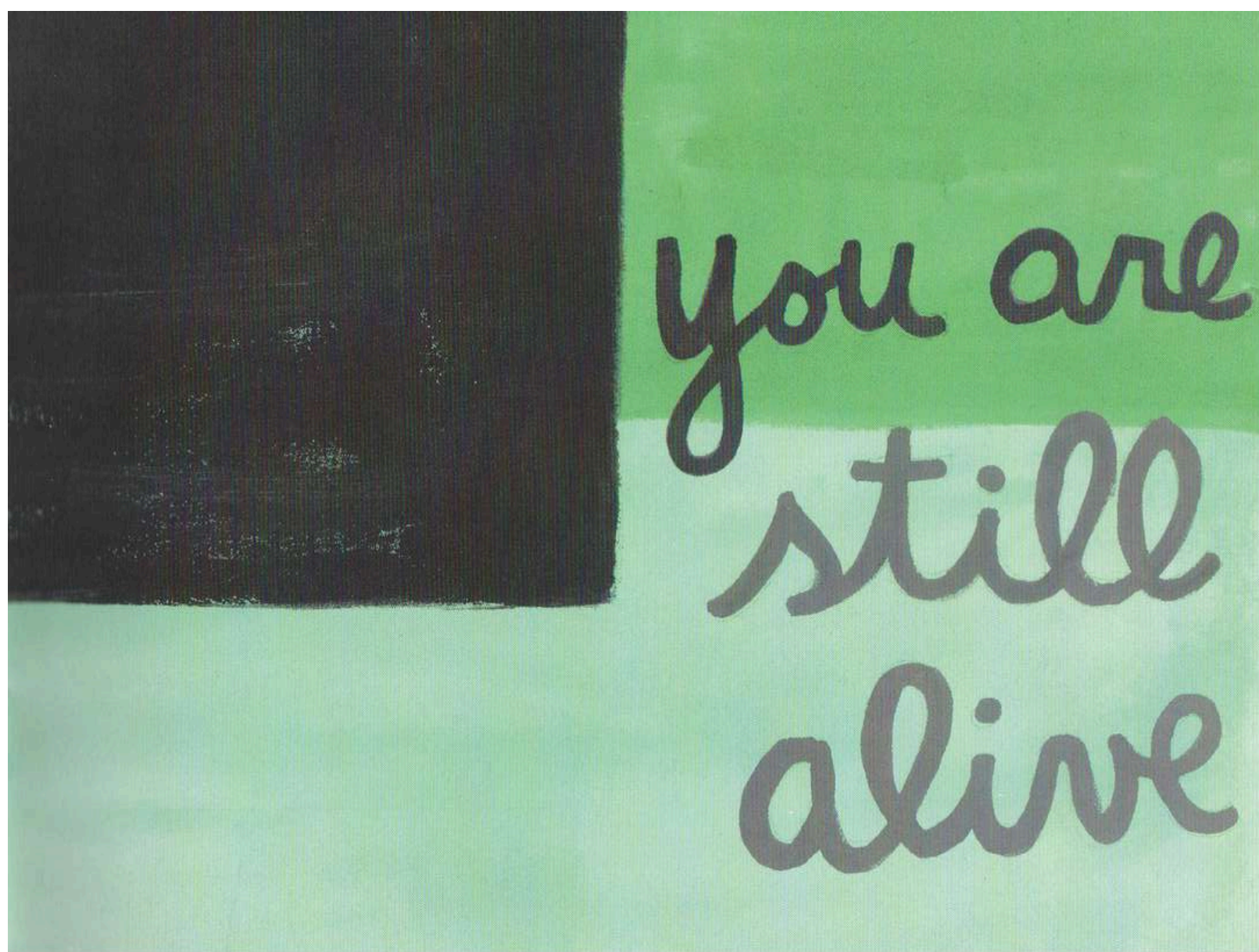
Se "a arte é resistir", como diz Deleuze, quer dizer que toda obra, trajetória, no fundo é uma poética à prova, em litígio, com seu tempo e contemporâneos, primeiro, extemporâneos, depois. Assim, esta obra in extremis nos implica, abre-se para obra pública sui generis, para inquirir e saber qual é o milagre da sua permanência/impermanência, vocação para a ruptura ou aceitação institucional, comercial... O gesto de Victor Arruda vale o escrito, lança uma nota promissória, a ser cobrada no caminho. Seu desafio se mantém no



alto, enquanto o recado da vida continua, inclusive depois da despedida ensaiada com *You are still alive*, uma forma de alteridade anunciada como parte da mesma biografia do artista.

**ADOLFO MONTEJO NAVAS**  
[Foz do Iguaçu, 21/02/2018]

you are  
still  
alive



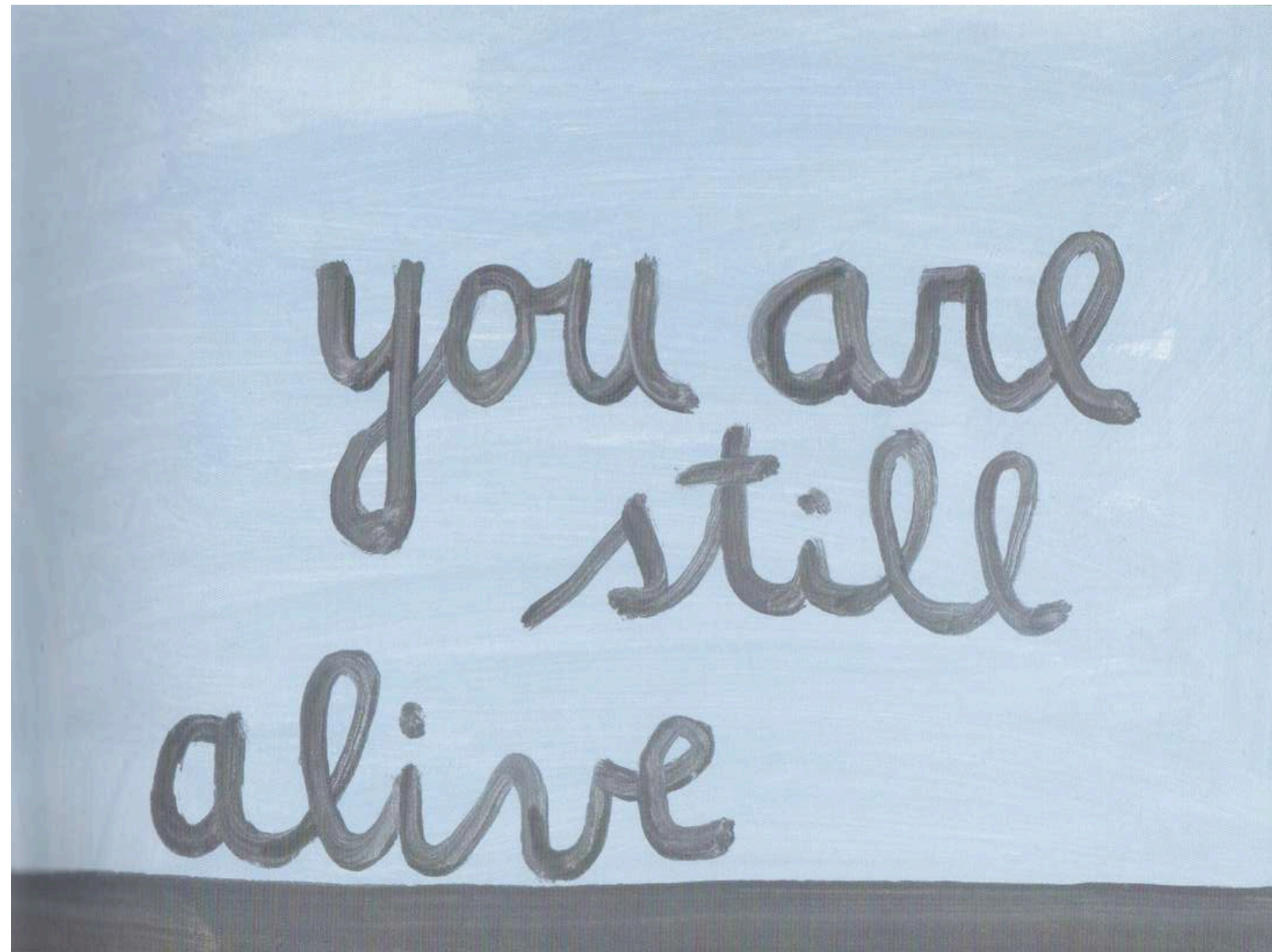
***IMPROMPTUS FOR YOU ARE STILL ALIVE, A PICTORIAL CARPE DIEM***

There are not many artistic works positioned in borderline territories of life, at the curb between life and death, without falling into the boundaries of sickness or of clinics, or even into the artificial paradises ever more numerous and vulgar. *You are still alive*, Victor Arruda's work in progress from 2015 to this day, from the current time where it is, provokes another time and destiny, going beyond its initial place of action. It transfers its aesthetic target to a place beyond the predictable field, also as an imagery related to painting itself (by the way, one must say that the artist has pushed the boundaries several times through paintings to be trodden upon, danced upon, eaten up or even used as performance painting of an announcement work).



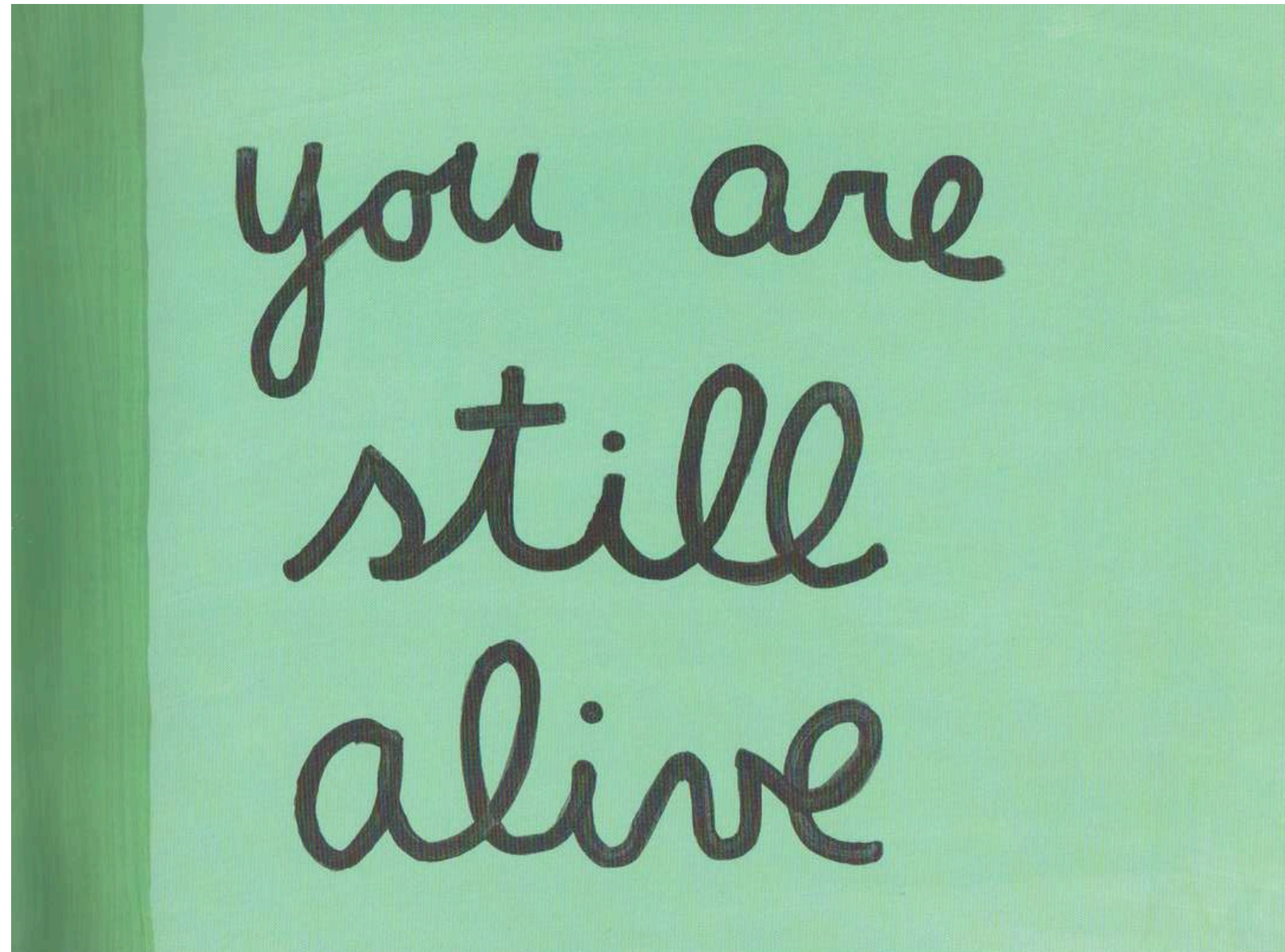
In this case, it is clearly a conceptual work that is performed from a painting "platform", based on a same painting handwritten on different canvases, in several and limpid chromatic compositions, a painting serving almost as a tombstone modulating the chosen sentence, not so much as a laconic or a sentimental farewell, yet as a pictorial *carpe diem* offered to others. And, above all, it is about an exercise oeuvre that leaves the realm of its own time trying to uncommonly fulfill its goal, out of the author's boundaries, as the canvases are to be delivered only after the artist passes away. And this is yet another gamble, aiming at another game. As if his true pathos were in the horizon and not at the starting point.

With *You are still alive*, besides the accomplice reference to On Kawara — the serial works of the conceptual artist where the coordinates of space and time are also activated in a personal manner —, and where there



is certain formal tuning with Ben's calligraphy painting — in an environment where image and text blend together —, what can be seen is a series that goes beyond the protocol manner in which a work of art is received, beyond its established place and its usual dynamics, not only placing death and life as constant and governing impulses — in the counterpoint where Eros is always mated —, but bringing to the agenda, above all, the post mortem stage, focusing on that negotiation that starts precisely when the death certificate is issued and does not depend on the underlying metaphysics related to several beliefs.

In this sense, as a testament work, a forecasting work yet also an ironic and somehow biting one — as one can expect from this more critical component of Victor Arruda's poetics —, it brings into play several aspects in a contradictory and even conflicting way, which includes the obvious personal

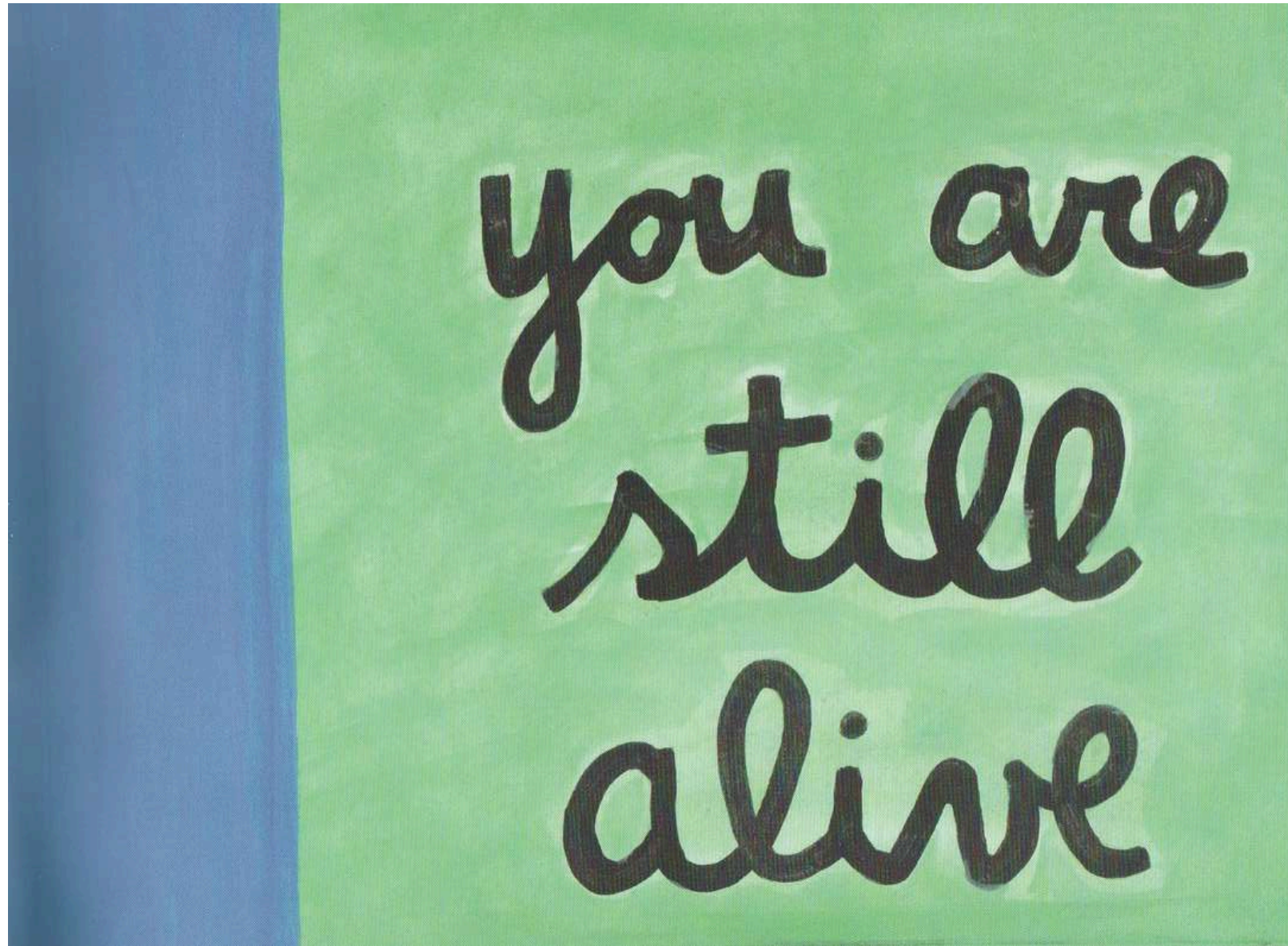


later claim a reactivation that surpasses what is visual, something closer to incorporation than to mere property.

When Victor Arruda conveys his message, metamorphosed in several pictorial modulations on the same moto addressed to other, the situation that comes about is that of a dialogue taking place in two moments, first between the artist and the already determined addressee and then between the latter and the artist when he is not alive any more, as it is a feature of this work to be delivered after the artist fades away, this being the will permeating this work or, even more so, its Chronos. To make a work for this interval – almost a no man's land or a limbo –, for this limit situation, means at the same time a biographic promise and a collective offering yet, on the other hand, above the considerations made, means a questioning, an interrogation that is bigger than the artist that conveys the message himself. As a language

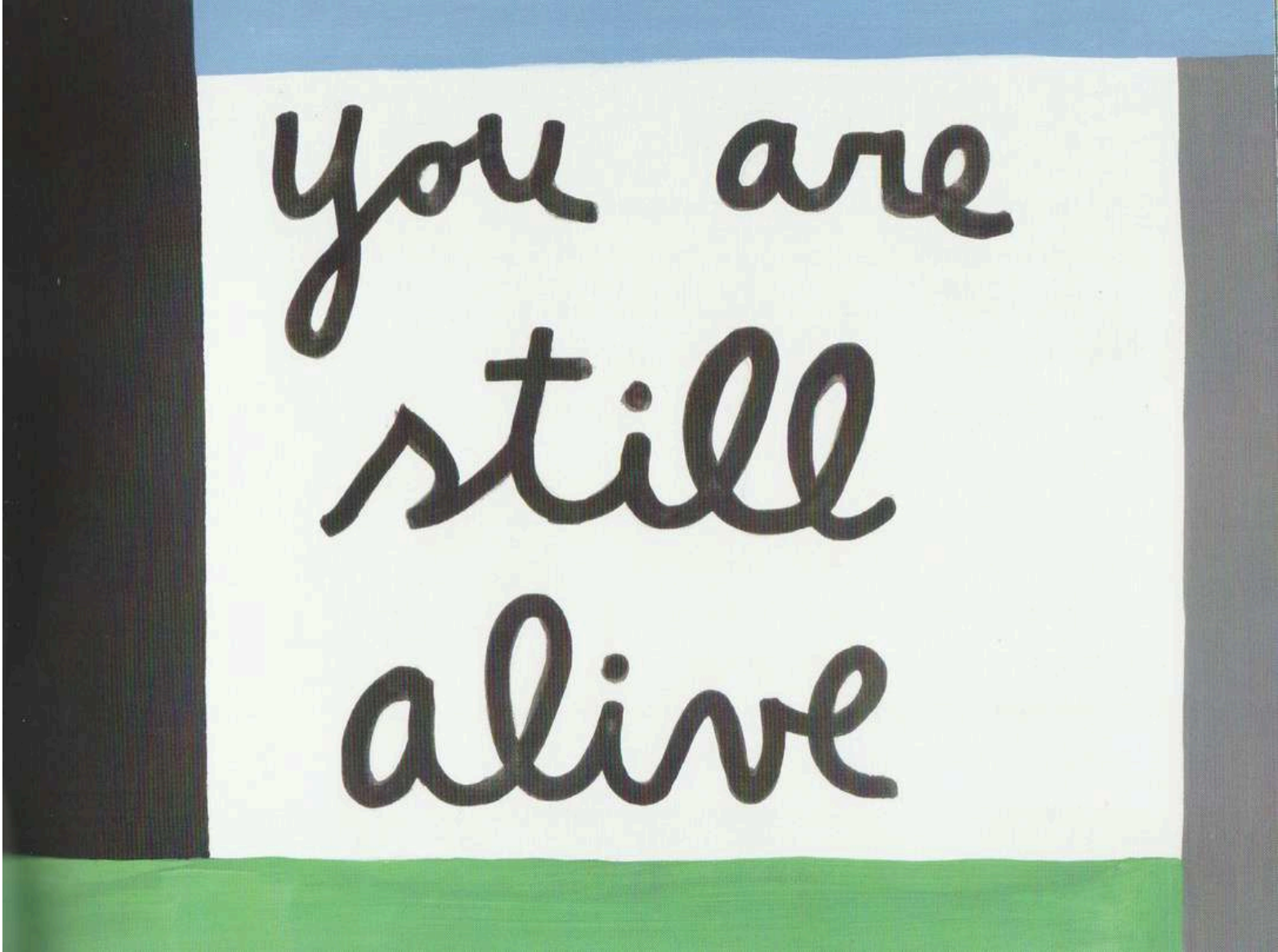
plus that is launched beyond the nature of the work itself, You are still alive formulates a corrosive doubt on the value of everything and nothing and seizes the opportunity to make more evident certain collateral and invisible maladies, not so ethereal pressures and mediatizing stances. This naming of Charon while on the ferry crossing the Hades River postulates an uncommon bravery and an unnegotiable critical right.

The textural and metalinguistic figuration of this series of the artist establishes a critical triad: the relation between image, visibility and people (the visual proposal, the performance aspects of image and human destiny, respectively). In such a way that the "image awaits the visibility of the relation that is established between its creator and the one who sees it" (as said by Marie-José Mondzain). It is not about an absolute work, a fundamentalist one, closed in itself, but rather the opposite as it lies in the distance that

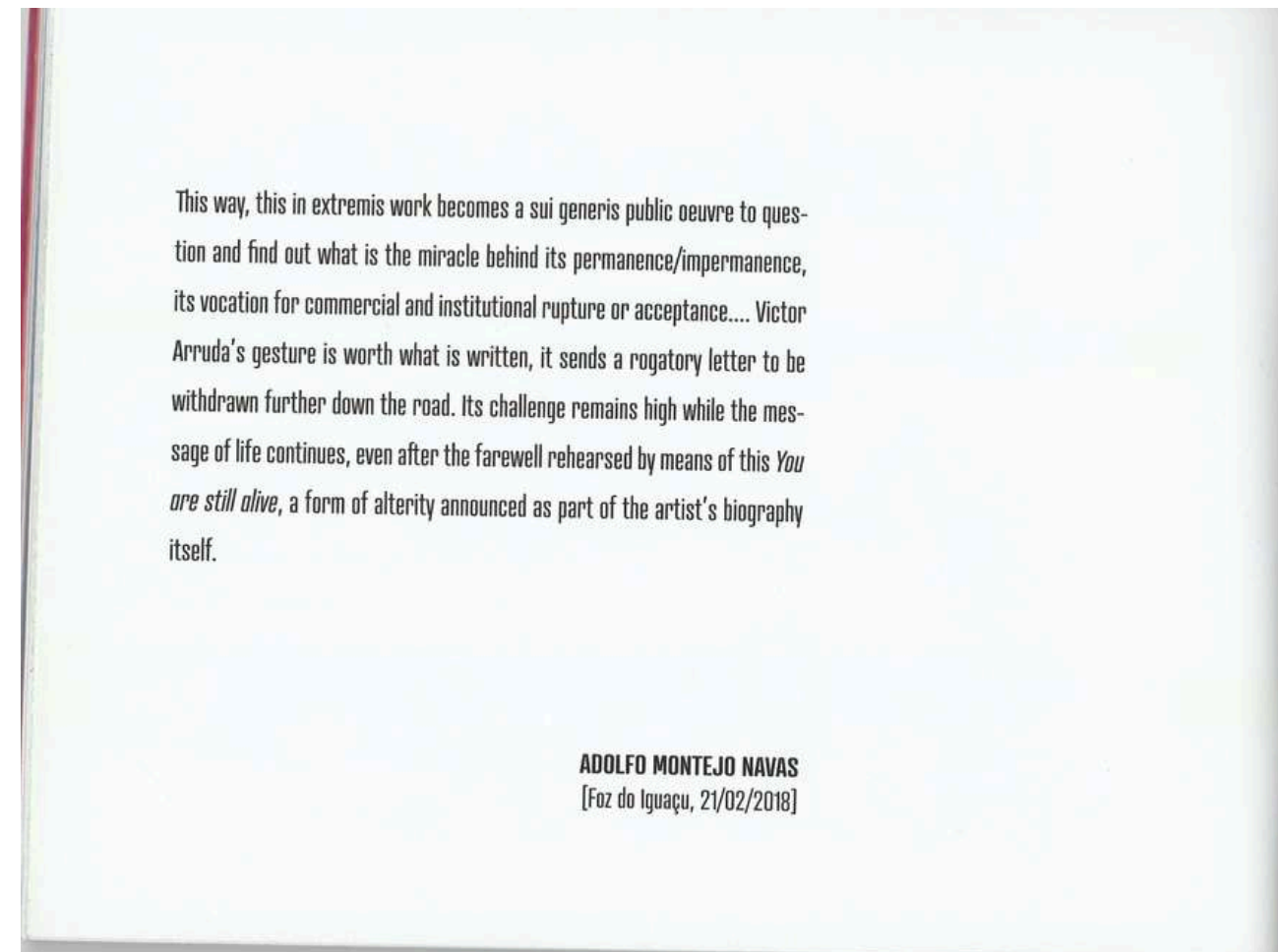
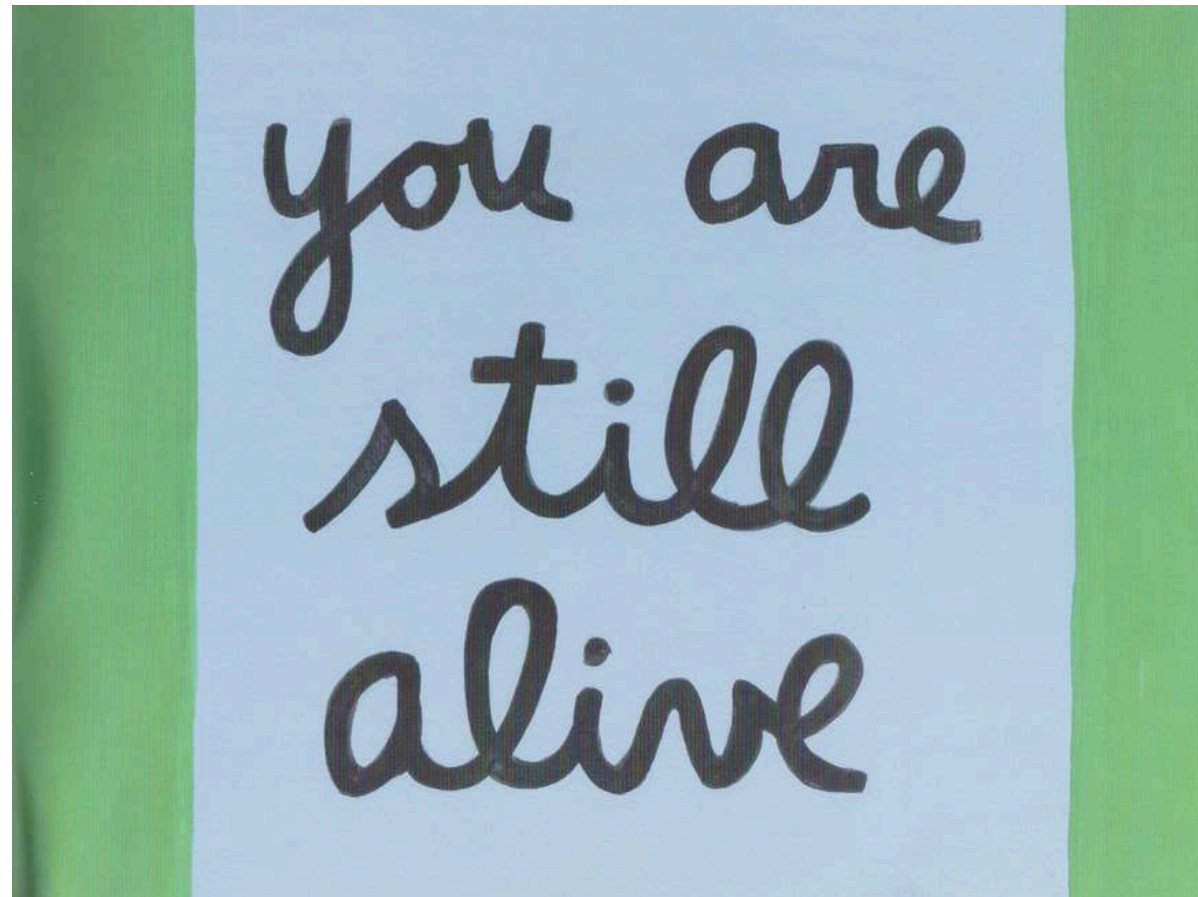


it keeps as a construction and an essence and, at another moment, in the project as a process of the image becoming incarnated, vivid. It has to do with how this epicurean legend shall be activated for the benefit of life. Naturally, this painting longs to be seen, while it plays and makes a conjuration with infinite absence (disappearance) and infinite desire (reception). And the desire every image has to be seen is transferred from the work to its destiny in order for it to remain in this state of impermanence, of distance unable to be accomplished (and in which a few contextual circumstances even helped to change the fixed statute of the work: in other words, artist's prestige, market, institutions, cultural society, education, etc.).

If "art is to resist", as Deleuze says, it means that every work is deep inside a poetics, a trajectory, being challenged by its time and the ones who are contemporary to it, in the first place, and extemporary to it, later on.

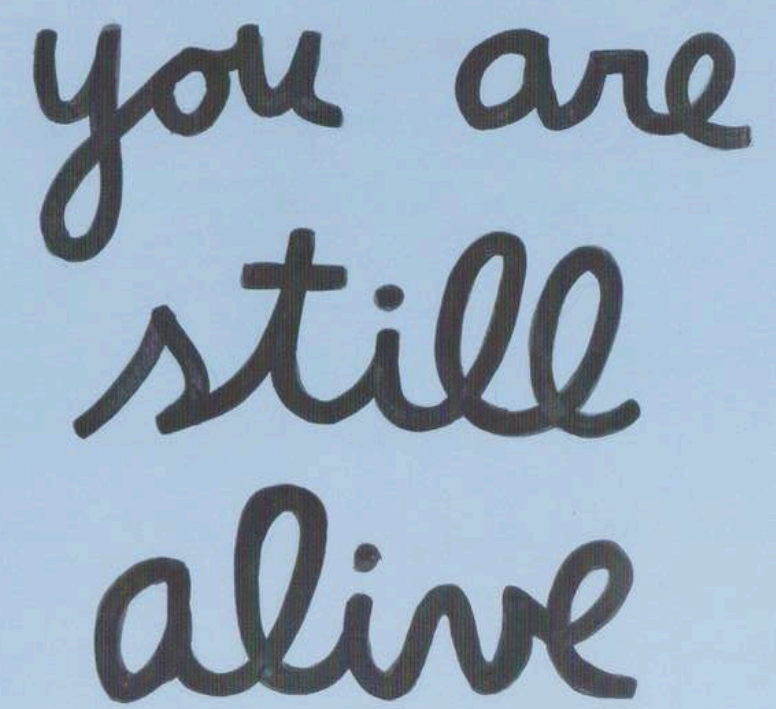


you are  
still  
alive



This way, this in extremis work becomes a sui generis public oeuvre to question and find out what is the miracle behind its permanence/impermanence, its vocation for commercial and institutional rupture or acceptance.... Victor Arruda's gesture is worth what is written, it sends a rogatory letter to be withdrawn further down the road. Its challenge remains high while the message of life continues, even after the farewell rehearsed by means of this *You are still alive*, a form of alterity announced as part of the artist's biography itself.

**ADOLFO MONTEJO NAVAS**  
[Foz do Iguaçu, 21/02/2018]



you are  
still  
alive



you are  
still  
alive



**LIMIAR**  
**EDIÇÕES EXTRAORDINÁRIAS**

500 exemplares.

Impresso em são paulo/maio de 2018.

Este livreto *You are still alive* de Victor Arruda, com texto de Adolfo Montejo Navas, é um desdobramento da exposição **ARRUDA, Victor**, realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (17 de maio a 17 de julho de 2018).

Edição numerada e assinada pelo artista.

